

O COVEIRO

Tinha uma profissão peculiar
(fora de série, dizia-se nos anos 80)
e única, acho que jamais exercida antes:
enterrar luzes, quaisquer, sob diferentes formas.

Luzes enterradas enchiam de sombras
o terreno em forma hexagonal
equivalente a 170 campos de futebol
que preparara, com auxílio de um edil, para
seu ofício de coveiro lúcido.

Mantinha em seu labor estranho um ritmo branco.
Cultivava nas horas vagas um campo de papoulas
arrepentidas e criava sete minhocas azuis.
De um poço de estrelas extraía baldes de luzes
para esclarecer sua vida unvida de sombras rudes.

Logo cedo abria duas covas de lumes
e uma vala comum para claridade em excesso.

Quando as luzes deixaram de morrer
para manter o nível e não perder a perícia
começou a enterrar olhos (dos vizinhos
que não observavam bem os arredores).

Triturava safiras, esquartejava quartzos
piritas e almôndegas com fios de azeite esmagava
deles retirava exaustos brilhos
e amêndoas de luz que enterrava
como se estivesse cultivando um pomar às avessas
ou plantando lírios escuros em covas de orquídeas fúnebres.

Desejos inertes e migalhas de pássaros ouvia
antes de dormir: lhe tranquilizavam a alma (escura
porque enterrava bem fundo qualquer luz).

Adorava cores subterrâneas
e sons passados.

Gostava de acariciar a própria angústia
de madrugada. Quando o orvalho ainda sonhava
e a luz do sol (que ele enterrava) nem
ao menos farfalhara sobre o páramo encovado
nem debulhava os olhos das jovens ciosas de viço.

Outonos de alumínio, estações rochosas
dons colaterais de fundo marital
bem como danos equiláteros, estivas fibrosas
abelhas mecânicas produtoras
de mel automático, movidas a diesel
apreciava.

A umidificação da cabeça do falo já aposentado
praticava com denodo.

Torcia pelo equilíbrio de seu assessor psiquiátrico
e por times de papel jornal diário.

Toda a esperança que Dante deixou no mundo
antes de internar-se no inferno ajuntou
num bernal e reduziu a cinzas vivas
pouco antes de enterrar oito luzes.

Sabia que a cada enterro de luz o futuro escurecia mais.

Colecionava plástico falso e alfaces
além de quiabos e galáxias. Mantinha
dieta freática e descansava em oásis cinzentos.
Cria em céus infinitos e Deus em dobro.
Era otimista e duplo.

O púbico e o urbano o atraíam.
Também vaginas de borracha vibrante.

Pensou em se aposentar do ofício de coveiro de luzes.
Mas temia o escuro que adviria dessa inação voluntária.
Certamente o excesso de claridade roeria os homens. E
a ascensão da temperatura dos lampejos cremaria as almas.

Junto ao poço de estrelas abriu outro
onde punha luzes moribundas. Dava-lhes
punhados de sal com matizes lunares
para espaçar-lhes o brilho
(só as enterrava quando claro o órbita
e retirado o cadáver da luz infausta
maquiava-o um pouco com pó de estrelas
antes de imumá-lo devidamente).

As farmácias do mundo oferecem pílulas
para as dores da luz
e xaropes translúcidos para clarões senis (ou lepras pueris)
mas era inapropriado aviar tais receitas
sem a escuridão de um médico.

Um dia quando voltava do futuro
onde passara férias trouxe
um pássaro de sol com penas brilhantes
que logo morreu e foi enterrado
com mais de oitenta luzes que caíram
da cumeeira de um sombrio monastério.

Nunca lidara com luz cúbica ou brilhos icônicos.
Um paiol de claridade quântica avistara uma tarde
quase noite da varanda do vizinho
mas pensou ser um pedaço de crepúsculo
que se desprendera da árvore do ocaso.

Um tipo de ave-fênix conhecera
que fazia florescer covas. Desprezara porque
dava brilhos a cinzas.

Aprendeu a extrair lascas luminosas
do mármore (primo bastardo do sílex)
e raspas de sol dum velho candeeiro
(que vivia a custas de óleo de bueiro).

Fósforo será proibido no futuro
avisou-lhe o vizinho da varanda
para que pessoas como você
não possam ver as covas das luzes.

Um dia enterrou uma parábola que faiscava
(e algumas metáforas sem sentido ou bulhentas).

Num armário de seu quarto de visitas guardava
trastes de luz ou coisas que não tinham sexo.

Quando alguma luz ainda que brevemente respirava lampejos
batia-lhe com uma pedra do cume.

Pelas paredes do cemitério de luzes
heras subiram e agarradas a elas
pedaços de lilases pupilas.

Chegou a enterrar relâmpagos
(quando os apanhava por acaso
ou seus olhos duros capturavam)
mas era algo muito elétrico para ele
simples coveiro de luzes irresistíveis.

Habitava uma máxima em sua vida obscura:

Tudo que cintile
tudo que centelhe
tudo que flameje
tudo que pouco brilhe
enterro.

Enterro halos, flâmulas, fuzis
chispa, fagulha, olhos, risos e hinos claros.

Tudo o que fagulhe
ou chispe ou empederne
tudo o que bruxele ou encandeie
enterro.

(O reles coveiro da luz sonhava
executar exéquias de galáxias).

Todo o ígneo merece ser enterrado
filosofava. Tudo o que luzisse:
lustres, lucidez, íris quaisquer sopro
com frêmito lúcido

lâmpada, círio, candeias, pinas, cândis
enterrava sem trégua.

Bruxelas, parises, maçãs mordidas
com restos de esmaltes
coisas brancas luzentes enterrava.

Enterrava tudo facho, tocha, archote
urze capaz de bíblico incêndio, crisântemos
coisas lilases, roxos góticos, flamas esconsas.

Era tanto enterro que pensei (eu, o lírico coveiro)
vou criar um pomar de sol
e ver o brilho da lavoura do amanhecer.

O edil que financiara o lauto cemitério
reclamava da falta de critério do coveiro.
Ele enterrava tudo. Até brilho de olhar
luzes aquosas de lágrimas
qualquer fulgor enterrava
e coisas acesas: vagalumes
cintilações pueris, luas, óticas
maçaricos, pilhas de chispas
que escapassem dos martelos de ferreiros
tudo
até mesmo os olhos do edil (agora cego
e reclamando) ele enterrava.

Paiol desativado de luz, brilho de feldspato
estrelas do mar, constelações
diamantes, nafta, viço de rostos das moçoilas
gritos de Goethe, sonho claro.

Ele abria as covas como um pêsame.

E abominava revérberos.
Quaisquer.

Menstruo. Às vezes não. Desrubro.
É sangue ecumênico. Idólatra febril.

Pátria de minha carne.
Consolação do êxtase. Extensão de mim.

Tento bolar um dístico que contemple
minhas atormentadas cinzas e suas sombras cruas, vis.

A propósito, cinzas não repousam.
Temem. Que qualquer brisa as disperse para sempre.

(Estes dísticos dedico às vezes e ao não).

A omoplata vê-se superior ao fêmur
essa a sensação óssea que tens.

O súbito paralisa e sacode
como trovão o espírito.

Silos de ogiva é a lavoura da época
que cruamente adubaste.

Rótula elege Capricórnio reitor.

Verdade, especiaria rara, no comércio moral.

Toda utopia é solitária.

Párcos depauperaram domingos (do alto das paróquias)..

Cínica narina aromas tornam carnívoros.

A voltagem do medo arrebenta o límpido.

A escansão sonora arromba o tímpano.

Usinas de greda ensombrecem o hino.

Ao nunca exaustivo trabalho dos lírios.

Esmo purifica o acaso.

Ossos são cifras da moeda do espírito.

Mônadas da sombra sóis pondo-se.

No ébrio convés sonhos navegam rumo à pedra.

Preces silenciosa elevas a deuses subterrâneos.

Ela rasteja até o mais facínora coração.

Cortejo noturno ajazaram-no cães que ladram.

Futuro das entranhas tira o profeta.

Todo mistério indizível sob pena de não ter sentido.

Relva sonha com estrelas.

Orvalho esfria coração de pedra.

Barro morre.

Sorriem cânones.

A beira do Aqueronte viçosos asfódelos vivem felizes.

São nácares nobres gôndolas dos relógios Patek.

Bilhas de ávidos silêncios gritos galgam.

Os rins atanzaram Montaigne até os Ensaios.

Hierarcas bebem rígidos licores.

Página branca tem ânsia tinta.

Assolam tronos querubins.

Principados decepam beiras do paraíso.

Das estrelas luminosa seiva jorra.

Poema: composto d'átomos de palavras.

ESQUELÉTICAS ALMAS CARONTE CARREGA

No frio cais do confim
sonolento Caronte
conta espectros
com seu ábaco sombrio
registra lamentos
lamúrias registra.

Fatigado recolhe
na atra barca a informe
sombra dos homens.

Suas esquilidas almas reúne
no convés atormentado
aptas à terrível travessia.

A galera do barqueiro (apinhada de sombras humanas)
comandante lívido, eterno capitão, atravessa
laguna infernal em direção ao nada.

(Com a moeda entredentes, amiga, aguardes
a Velha Barca que logo aportará na tua vida?)
e na margem do rio esquecido, ribeiras do desespero, logo estarás.

DE DEZ VISÕES

Sou da longa linhagem das nuvens
fúnebres libações a terra bebe
embriaga-se com a tristeza dos homens.

Meandros dormem ainda
sonham rios com o sexo da catarata
às marés montantes da alma
tristes hostes de begônias sacrifico.

Rigor da aurora abre áspero
horizonte sem pássaro.

Ungem-se com números primos
alicerces e andaimes dos outros todos

as álgebras das libações árabes
das beduínas areias onde milênios são enterrados.

Aos céus alçam-se incensos vivos
que deuses aspergem

sobre as asperezas dos homens
(e a embriaguez do alento terreno inauguram).

QUINZE TERCETOS SEM NOME

Barco sóbrio singra
entre lince adormecidos
e panteras ameríndias.

Advoga gaivotas, ilumina
águas de sua rota ínsita
para a Índia.

Ignotas passagens
ao porto das estrelas mais próximas
essa rota atropela.

Sua lauda de água transporta
longas sedes e cruces
ao lodo da identidade.

Traz em sua página portulanos
luar e maresia
poluídas dinastias arreversa.

Sem pressa desfia
célicos alicerces
abôbadas frias.

Pétalas, pérolas, porcos
anuncia seu périplo louco
pelo páramo da tinta.

Aos Poetas que marinam em suas folhas
leva a cais sem melodia
a saís sem unção.

A calabouços de sua própria
sinfonia marítima
a cútis bêbada embarcada e máscara.

A barca erma sem mar ou rumo
leva loas a luas tranquilas
e cantos de seda a vigílias.

Mas não vá além da tapobrana
galeão de palavras ébrias
não ultrapasse horizontes de pedra.

O mar estertora, a cólera
das águas picadas te devora
leitor indefeso, náufrago do vivo.

O grito caudaloso dos mares
marmóreos, condestáveis
escultura teu silêncio ímpio.

No golfo de tuas vagas
no barco embriagado de palavras
no convés viaja de carona a história.

Das pupilas do tigre, da sombra das panteras
da selva selvagem de tua vida (leoa faminta)
viver a coragem, a loucura do sonho avulta.

Não tente ir a nada além
pasárgadas e xangrilás
te são proibidos (leitora).

CONVITE AO LEITOR

Ao desculpável leitor gravemente
advirto não comprar este livro
apenas dirigido à gestação ou digerimento
de poetas ou literatos mores
além portanto da comum compreensão
humana, para não dizer mundana.

Para o bem ou para o mal portanto não o leia.
Se adquiri-lo por acaso, guarde-o
longe dos olhos e do coração (que veem tudo
comungados ou não).

Assim evito dispendeis fundos preciosos
(tempo e atenção, faces da moeda viva do mundo)
na aquisição de algo que somente
contém poesia (sem rima com serventia).

(Minha palavra é de celulose
portanto indigerível a quem
não disponha dos devidos saís).

Sendo assim só poesia esta fora
do vã e ordinário entendimento
assustando homens de negócios
cavaleiros que lidam com juros e usuras
o dia todo e a noite perene de suas pobres
vidas ricas (e opacas).

Também não o aconselho (a leitura vil
deste mais vil ainda livro de poemas)
a pessoas em geral, cidadãos de bem
entretidos com a pátria e o bolso

não iniciados que são no mistério da poesia
e em seus acenos indissolutos e sutis
para não dizer lumes inconsúteis e viris.

(Pouco afeitos à beleza
– só à do lucro líquido
pouco devotos dos sons estéticos
– só ao do espoucar e da borbulha).

Não é a lógica cotidiana, erudienta, usurária
que preside o exprimir poético
cotado de imagens cavilosas
embrulhado em borboletas
atado de figuras e metáforas escandalosas
tropos inusuais, serpentes de sentido
atilho de colisões com a realidade.

NOTA: Não serão restituídos
quaisquer valores ou investimentos aplicados
por razões de tédio ou descuido
na aquisição desse livro
tão agramatical quanto lunático por indefinição.

TRÊS POEMAS

Para a emoção da desvirginidade
o contato com carnes rosadas
sedosos e desnudos seios
mamilos ásperos é tortura
ao ser embriagado de febres
o êxtase apenas amanhecendo
a boca suspensa no delírio
o hímen arrancado aos dentes.

O rumo de tua grandeza
leva ao esquecimento de uma cripta.

Cintilantes fragmentos é o que eu já sinto
na palavra galáxias

minha sede de claridade
só uma bilha de estrela satisfaz.

MEU CORAÇÃO

Meu coração é um rebanho de azaléas
poço de cisnes conflagrados, surda
tundra de ursos arcaicos
bando de musgos, cofre
de unguentos escuros
calabouço de espigas, tâmara
para tua madura mordida
mônada ensandecida
amêndoa nipônica, cereja harmônica.

Meu coração é uma pastagem
de cisnes sublevados, câmara de fúria
istmo de sangue iluminado de lince
périolo de amáveis lírios
tímida conjuração de corças

roda agave, cívica
tulha de pássaros amanhecendo.

Meu coração é uma tarde de ruínas
dadivoso templo de gazelas
dúvida de náilon, bomba de alumínio
trégua sem glória, trama
de rubra mecânica
trigo e sino.

Meu coração é um claustro de afetos
imutável dança de pastores
páramo louco de estrelas
altar deserto
onde tigres de seda copulam
olhando espelhos.

Urna de senhas, catre de sigilos
nele algemas e chaves habitam
e trancado a sete cofres
os códigos do amor envilecem

nele o secreto sopra da amante jaz
a tribo de carinhos extinguiu-se
do plástico de suas válvulas
ouço o canto trêmulo, o sonoro
pedido de socorro
BLEM, BLEM SOS STOP SOS STOP.

Meu coração é um capítulo de flores
novela sem intriga ou meada
cálice de relva o comemora
avaro brinde o adormece.

EU

Cultivo beiras de abismo
e coleciono bordas brancas de precipícios.
Gosto de cremar cotonifícios.
Acredito no fogo de algodão.
E em relâmpagos selvagens.
Não creio na absolvição.
Sou às avessas.

Amo ermos rochosos e puas.
Amo lumes úmidos e púbis.
Amo silêncio púbico
e praças menstruais ao meio-dia.

Acima de tudo sê-lo. O ser sigiloso.
Que o poema esclarece.

Vivo de adubar terra desolada (nas às quartas-feiras cinzentas).

O POETA

O poeta é um homem comum
operário fatigado do verbo
cidadão bem ou mal remunerado
patriota ou (e) apátrida
mísero mártir da imaginação, perdulário
porque muito abstrato, pendurado sempre
no crediário da palavra. Abominável menino.

Todo poeta tem ilusões de aço.

E crê em certo futuro incerto.

Sempre no rumo ermo acredita
no futuro das incertezas.

Poeta é um seguidor do futuro livre.

Que pensa em escrever amanhã
o Livro do ânus gradual.

Incêndios algébricos de cavalos, torreões, bispados.
Fogo geométrico que irrompe puramente
dos cômodos losangos, lambe os catetos
propaga-se das hipotenusas às cinzas dos vértices.
Lumes equiláteros, línguas febris de víboras extáticas.
Tetraedros se alastrando até a total e justa
cremação dos ângulos agudos.
Até a incineração cúbica das hipóteses.
Até o grau de gusa dos teoremas eternos. (à Pasoline)

Clamor escuro se esgueira
feito fogueira
desde os esôfagos da palavra até
(ou da palavra depois)
os invernos da alma.